



# Crise climática e reconfiguração do romance contemporâneo em *The Ministry for the Future*, de Kim Stanley Robinson

Anderson Soares Gomes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

<https://orcid.org/0000-0001-8727-4554>

[anderson.gomes@gmail.com](mailto:anderson.gomes@gmail.com)

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar as maneiras pelas quais o romance *The Ministry for the Future* (2020), de Kim Stanley Robinson, expande possibilidades da ficção contemporânea diante da crise climática. O texto será organizado a partir de dois focos de análise: a validade do gênero “ficção literária” para narrar o Antropoceno; e o questionamento da distinção entre os conceitos de natureza e cultura face à catástrofe ambiental. Sendo assim, este artigo pretende mostrar que *The Ministry for the Future* apresenta estratégias de reconfiguração do romance contemporâneo considerando o contexto da mudança climática.

**PALAVRAS-CHAVE:** romance, crise climática, natureza, cultura, Kim Stanley Robinson

## Climate crisis and the reconfiguration of the contemporary novel in Kim Stanley Robinson's *The Ministry for the Future*

### ABSTRACT

This work aims to investigate the ways in which Kim Stanley Robinson's novel *The Ministry for the Future* (2020) expands the possibilities of contemporary fiction in the face of the climate crisis. The text will be organized from two focus points: the legitimacy of the genre “literary fiction” to narrate the Anthropocene; and the questioning of the distinction between the concepts of nature and culture amidst the environmental catastrophe. Thus, this article intends to show that *The Ministry for the Future* presents reconfiguration strategies of the contemporary novel considering the context of climate change.

**KEYWORDS:** novel, climate crisis, nature, culture, Kim Stanley Robinson



## 1. Introdução

Considerando os desafios que se apresentam à humanidade no início do século XXI, um dos mais urgentes é a crise climática. De acordo com o mais recente relatório divulgado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), publicado em 2018, são necessárias medidas imediatas no intuito de limitar o aquecimento global a 1,5 graus Celsius em relação ao período pré-Industrial (INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE, 2018). Caso contrário, o aquecimento terrestre e dos oceanos pode levar a um estado extremo em que o equilíbrio biogeofísico do planeta será alterado de tal forma que a biodiversidade, a preservação de habitats naturais e até mesmo a sobrevivência da espécie humana pode ser colocada em risco.

O documento do IPCC é apenas mais um dos vários alertas oficiais divulgados nos últimos anos com relação aos efeitos deletérios das ações antrópicas – ou seja, das ações realizadas pela humanidade – no sistema Terra. É especialmente na virada para o século XXI que a possibilidade de uma catástrofe ambiental ganha dimensões mais urgentes. No ano 2000, o biólogo Eugene F. Stoermer e o químico Paul J. Crutzen publicam o seminal artigo “The ‘Anthropocene’”, em que determinam que desde a Revolução Industrial vivemos em uma nova era geológica chamada Antropoceno. Essa era é fundada pela noção de que as ações humanas são tão profundas na reconfiguração do clima e do meio ambiente que o ser humano passou a ser visto como um agente geológico.

Diversos artistas contemporâneos têm, cada vez mais, tematizado aspectos da crise climática em suas obras. No final do século XX, grande parte dos autores passou a lidar com temas ambientais a partir de uma perspectiva apocalíptica, segundo a qual a vida humana na Terra estaria em vias de extinção ou então correndo o risco de ser altamente prejudicada. Considerando esse recorte temático, investigações narrativas sobre problemas ambientais e riscos climáticos passaram a ser inevitavelmente restritos ao gênero literário da ficção científica.

Por abordar assuntos que geralmente envolvem fenômenos de escala global, a ficção científica parece o gênero mais apto para tratar das mudanças ambientais no contexto do Antropoceno. Afinal de contas, são eventos de natureza física, química, biológica e geológica de extrema complexidade, capazes de alterar o entendimento não só sobre o meio ambiente, mas também sobre a continuidade de vida na Terra. Porém, chama a atenção o fato de que a maioria dessas obras de ficção científica estabelece questões sobre o clima e o meio ambiente meramente como cenário ou contexto em que um drama essencialmente humano vai se desenvolver.

Nota-se, nesse tipo de narrativa, a persistência da ideia de que a natureza rodeia e influencia os acontecimentos humanos, mas não participa deles. Da mesma forma, as ações humanas pouco têm efeito sobre uma natureza geralmente alheia aos eventos principais da narrativa, por sua vez, geralmente reservados aos personagens humanos. Sendo assim, a literatura das últimas décadas do século XX que discorre sobre a crise climática parece ser circunscrita aos limites da ficção científica e a uma separação entre os campos da natureza (ambiente, clima, vidas não-humanas) e cultura (sociedade, história, vida humana).

Porém, no século XXI, surge uma nova tradição de escrita romanesca que vêm expandindo não só os limites narrativos da ficção científica, mas do próprio romance. Ao propor tematiza-

ções híbridas que embaçam os limites entre natureza/cultura, humano/não-humano e ficção científica/ficção literária, essas obras reconfiguram a capacidade de romances contemporâneos narrarem o Antropoceno. Dentre essa excepcional e crescente categoria de romances contemporâneos, encontra-se a obra que constitui o objeto de investigação deste trabalho: *The Ministry for the Future* (2020), do escritor estadunidense Kim Stanley Robinson.

A narrativa se inicia no ano de 2025, quando uma onda de calor extremo atinge a Índia, vitimando em torno de 20 milhões de pessoas. Um pouco antes desse acontecimento trágico, a ONU havia determinado a criação de uma agência – o “Ministério Para o Futuro” do título. O objetivo dessa organização foi estabelecido da seguinte forma:

Defender as futuras gerações de cidadãos do mundo, cujos direitos, como definidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, são tão válidos como os nossos. Essa nova agência subsidiária é também encarregada de defender todas as criaturas vivas, do presente e do futuro, que não podem falar por si, assegurando seu posicionamento legal e sua proteção física (ROBINSON, 2020, p.16)<sup>1</sup>.

Sediado em Zurique, na Suíça, e comandado pela irlandesa Mary Murphy, a agência é encarregada de lidar inicialmente com a crise na Índia, com seus desdobramentos políticos e humanitários. À medida que o romance avança, porém, o Ministério é encarregado de ocupar-se das ameaças em escala global, sejam elas consequências diretas da crise climática (derretimento das calotas polares, enchentes, novas ondas de calor etc.), sejam elas reações de grupos específicos à deterioração do clima (atentados ecoterroristas, manipulações do mercado financeiro, crise de refugiados etc.). No meio desse contexto atribulado, Mary Murphy aproxima-se de Frank May, um jovem sobrevivente da tragédia indiana.

O presente trabalho pretende investigar *The Ministry for the Future* a partir de duas perspectivas. Primeiramente, discutir como essa obra evidencia as limitações do romance literário tradicional e da ficção científica para tratar da crise climática. Em segundo lugar, pretendemos analisar como essa obra supera a tradicional distinção entre os campos da natureza e da cultura, propondo uma perspectiva híbrida que torna o romance contemporâneo mais apto para narrar a complexa teia de sentidos que compõe o Antropoceno.

## 2. *The Ministry for the Future*, ficção científica e ficção literária: novas possibilidades

A crise climática apresenta um enorme desafio no que se refere à multiplicidade de seus sentidos. Compreender a seriedade dessa crise contemporânea consiste em interpretar não só as mudanças ocorrendo apenas no clima, mas também nos aspectos químicos, físicos, biológicos e geológicos em escala planetária. Para entender as causas desse fenômeno, é essencial assimilar

<sup>1</sup> To advocate for the world's future generations of citizens, whose rights, as defined in the Universal Declaration of Human Rights, are as valid as our own. This new Subsidiary Body is furthermore charged with defending all living creatures present and future who cannot speak for themselves, by promoting their legal standing and physical protection.

a dimensão das causas das ações antrópicas direcionadas ao sistema Terra, incluindo processos de ordem econômica, histórica e social.

Diante dessa enorme complexidade, se convencionou por um longo tempo tratar da crise climática quase que exclusivamente por meio de textos científicos. Como afirma a pesquisadora Antonia Mehnert:

A mudança climática, esse fenômeno vago, invisível e sem precedentes, tem sido até agora predominantemente compreendida por meio de cenários de emissão, diagramas e outros modos sem vida de descrição. Essa preferência por interpretações científicas do “tempo” não só impôs uma divisão entre os campos científico e humano, mas também suprimiram por um longo período outras percepções do aquecimento global. (MEHNERT, 2016, p.3)<sup>2</sup>

Todavia, especialmente nas últimas décadas, as Ciências Humanas também vêm se empenhando em abordar a crise climática, investigando seus desdobramentos históricos, antropológicos e artísticos. Com isso, faz-se cada vez mais necessário construir maneiras de se envolver com questões da crise climática para além do discurso científico. Isso não significa abraçar um discurso negacionista ou colocar os fatos científicos em disputa, mas sim “apontar para o potencial imaginativo de cenários da mudança climática.” (MEHNERT, 2016, p.7)<sup>3</sup>

No caso da literatura, é crescente o número de autores que discutem em suas obras algum aspecto da crise climática. Ainda assim, quando nos deparamos com a questão do clima nas mais renomadas publicações sobre literatura do mundo, é recorrente haver um recorte de gênero que, de forma velada, parece tecer um julgamento sobre esse tipo de produção literária. O escritor Amitav Ghosh trata dessa questão de forma bastante clara:

Quando o assunto da mudança climática aparece nessas publicações, é quase sempre com relação à não-ficção; romances e contos muito raramente surgem no horizonte. Na verdade, poder-se-ia até mesmo dizer que a ficção que lida com a mudança climática não é, quase que por definição, o tipo que é levado a sério por notáveis revistas literárias: a mera menção ao assunto é suficiente para relegar um romance ou conto ao gênero da ficção científica. (GHOSH, 2016, p.90)<sup>4</sup>

Essa associação quase que imediata entre uma obra literária que lida com a mudança climática e a ficção científica é interessante por pelo menos duas razões. Primeiramente, esse ponto de vista denota o entendimento de que questões que afetam o clima em escala global parecem ser lidas no mesmo rol de eventos fantásticos que geralmente fazem parte de narrativas de ficção científica, como viagens intergalácticas ou encontros extraterrestres. Em segundo lugar, essa

<sup>2</sup> Climate change, this unprecedented, invisible and elusive phenomenon, has so far been predominantly understood through emission scenarios, diagrams, and other lifeless modes of description. This preference for scientific interpretations of the “weather” has not only enforced a division between the scientific and the human realm but also for a long time suppressed other perceptions of global warming.

<sup>3</sup> point to the imaginative potential of climate change scenarios.

<sup>4</sup> When the subject of climate change appears in these publications, it is almost always in relation to non-fiction; novels and short stories are very rarely to be glimpsed within this horizon. Indeed, it could even be said that fiction that deals with climate change is almost by definition not of the kind that is taken seriously by serious literary journals: the mere mention of the subject is often enough to relegate a novel or a short story to the genre of science fiction.

correlação automática entre crise climática e ficção científica parece deixar entrever uma certa postura elitista de parte da crítica literária que ainda vê romances e contos de ficção científica como uma literatura “de gênero” e, por isso, de menor valor artístico se comparados à “ficção literária”. Por conseguinte, aspectos climáticos e ambientais são categorizados como temas menores se considerarmos o tipo de narrativa desenvolvido em textos de ficção literária: geralmente focando em ações humanas e nas vidas interiores dos personagens. O filósofo Fredric Jameson aborda essa perspectiva de desdém geralmente direcionada à ficção científica da seguinte maneira:

O convencional repúdio da alta cultura com relação à ficção científica – sua estigmatização como puramente formulaica (...), reclamações sobre a ausência de personagens complexos e psicologicamente “interessantes” (...) – é provavelmente não uma questão de gosto pessoal, nem deve ser abordada por meio de argumentos puramente estéticos (...). Nós devemos identificar aqui um tipo de repulsa genérica em que esse discurso formal e narrativo é o objeto de uma resistência psíquica como um todo e o alvo de um tipo de “princípio da realidade” literário. (JAMESON, 2005, p.xiv)<sup>5</sup>

É interessante notar que poucas coisas poderiam estar mais próximas de um “princípio da realidade” na contemporaneidade que a crise climática. Com as incontestáveis evidências científicas que comprovam a extinção da biodiversidade, alterações no clima em escala planetária e prováveis consequências devastadoras, pode-se dizer que, ao abordar essas temáticas, a ficção científica parece estar bastante próxima de representar os acontecimentos do mundo real.

No campo dos estudos literários, surgiu até mesmo um termo para designar obras que lidam com questões da mudança climática: *cli-fi*, abreviação para *climate fiction*, ou ficção climática (a semelhança com *sci-fi*, abreviação usual para ficção científica, não é mera coincidência). Paradoxalmente, esse suposto novo gênero parece romper com a própria ideia de categorização literária em termos de gênero. Se há algumas décadas, romances que abordavam a questão climática faziam isso apenas utilizando aspectos do meio ambiente como pano de fundo, ainda priorizando histórias focadas no drama humano, atualmente romances *cli-fi* apresentam uma visão multifacetada não só de gêneros, mas de modos de contar histórias.

O romance *The Ministry for the Future*, de Kim Stanley Robinson, é um dos mais recentes e emblemáticos representantes desse potencial abrangente e múltiplo da literatura contemporânea que aborda questões do clima. Nessa obra, o autor estabelece de forma mais ousada as maneiras através das quais o romance pode expandir seu escopo, diversificando formas de entender o mundo por meio de uma narrativa que pretenda contemplar a complexidade na representação da crise climática.

*The Ministry for the Future* caracteriza-se por uma pluralidade de estilos, gêneros e modos narrativos que estilizem convenções literárias limitantes. Ao mesmo tempo que é uma obra de ficção, também é uma produção com largas passagens ensaísticas. É um livro de ficção científica, podendo ser inserido na categoria *cli-fi*, mas também é herdeiro de vários elementos da escrita

<sup>5</sup> The conventional high-cultural repudiation of SF – its stigmatization of the purely formulaic (...), complaints about the absence of complex and psychologically “interesting” characters (...) – is probably not a matter of personal taste, nor is it to be addressed by way of purely aesthetic arguments (...). We must here identify a kind of generic revulsion, in which this form and narrative discourse is the object of psychic resistance as a whole and the target of a kind of literary “reality principle”.

modernista, como multiplicidade de perspectivas e uma certa polifonia narrativa. É um romance político, mas também impregnado de fortes elementos do romance utópico.

Esse hibridismo literário demonstra que estratégias ficcionais convencionais são insuficientes para narrar a crise climática. A ficção literária (aquela tida como séria e respeitada), cujo maior representante é o chamado “romance burguês” (focado em ações de diferentes personagens à medida que descreve a interioridade psicológica dos mesmos) parece não dar conta de representar a complexidade dos fenômenos que atingem o mundo e seus habitantes na contemporaneidade. A escritora McKenzie Wark afirma:

A mudança climática excede o que a forma do romance burguês pode expressar (...). Na ciência e na literatura, houve movimentos paralelos para eliminar o que era estranho e milagroso de uma análise séria, mas ao custo de tornar o mundo um pouco mais plausível e previsível do que ele realmente é. Quando a natureza se torna previsível, o romance pode colocar de lado toda a estranheza que dela emana. O cotidiano ganha destaque (...) O romance torna-se uma forma de prazer narrativo compatível com os prazeres cotidianos da vida burguesa (WARK, 2017)<sup>6</sup>.

A crise climática complica a noção de previsibilidade que, de acordo com Wark, caracteriza o romance tradicional. Por um lado, as evidências científicas são incontestáveis no sentido de alertar para os efeitos deletérios de ações antrópicas no sistema Terra – por esse aspecto, os riscos para o clima e o meio ambiente são prognosticáveis. Por outro lado, a complexidade da rede de fenômenos naturais responsável pelo equilíbrio do planeta torna praticamente impossível prever os locais, a temporalidade e a dimensão da crise climática de forma precisa.

A maneira através da qual *The Ministry for the Future* aborda a relação entre presente e futuro manifesta uma tentativa de romper com a narrativa cotidiana do romance tradicional, focada na plausibilidade, mas também de propor uma representação temporal para além das convenções da ficção científica, concentradas no estranhamento. Dessa forma, a narrativa do romance começa em um futuro bem próximo, diante de uma catástrofe climática devastadora: uma mortal onda de calor na Índia. O Ministério do Futuro, a recentemente criada agência da ONU, passa a então a tratar diretamente do assunto.

É interessante notar que o nome da agência da ONU que dá nome ao romance é composto pela palavra “futuro”. O Ministério, criado em 2024, é “encarregado de representar os interesses das gerações vindouras” (ROBINSON, 2020, p.98).<sup>7</sup> De certa forma, o compromisso dessa instituição é fundado em um fascinante paradoxo temporal: ela é encarregada de defender as vidas e os interesses de cidadãos do futuro (que não nasceram, portanto) a partir de ações realizadas no presente (que para aqueles cidadãos, será o passado). De acordo com o historiador Dipesh Chakrabarty, tal sentido de confusão temporal é um dos mais expressivos efeitos da crise climática:

<sup>6</sup> Climate change exceeds what the form of the bourgeois novel can express (...) In both science and literature, there were parallel movements to eliminate the weird and the miraculous from serious consideration, but at the expense of making the world seem a little more probable and predictable than it may actually be. When nature becomes predictable, the novel can move any strangeness emanating from it into the background. The everyday moves into the foreground (...) The novel becomes a form for narrative pleasure compatible with the everyday pleasures of bourgeois life.

<sup>7</sup> tasked with representing the interests of the generations to come.



Nossas práticas históricas habituais para visualizar o passado e o futuro, tempos que nos são pessoalmente inacessíveis – ou seja, o exercício da compreensão histórica – são lançadas numa profunda confusão e contradição (...) Tal confusão deriva de nossa percepção contemporânea do presente, na medida em que esse presente gera preocupações sobre nosso futuro (CHAKRABARTY, 2013, p.4).

De certa forma, *The Ministry for the Future* pode ser lido como uma tentativa de examinar e até mesmo expandir as dimensões do entendimento histórico a partir das condições tornadas possíveis pela crise climática. Diferentemente de outras obras que lidam com efeitos catastróficos das ações antrópicas no ambiente, o romance de Robinson não vê tais efeitos como catástrofes futuras, mas como tragédias já em curso no presente. Sendo assim, *The Ministry for the Future* se opõe a uma estratégia bastante comum de romances distópicos sobre a crise climática: “descrever a inércia contemporânea como um erro de cálculo catastrófico dos custos da mudança climática” (TREXLER, 2015, p.120)<sup>8</sup>.

*The Ministry for the Future* propõe uma outra forma de narrar a relação entre futuro e crise climática. Especialmente porque o modo narrativo do romance se aproxima mais do utópico que do distópico. O enredo não se passa em um futuro distante, tomado por uma tragédia imutável, mas em um futuro muito próximo do presente, em que catástrofes ambientais já ocorrem, mas respostas a elas também. A própria criação do Ministério indica que, pelo menos em alguns setores do poder global, a consciência da urgência exigida pela questão climática existe e é real. A chefe do Ministério, Mary Murphy, assim como alguns outros líderes mundiais, não permanecem inertes: eles procuram agir rapidamente, muitas vezes tomando ações eticamente ou cientificamente questionáveis para mitigar os efeitos da crise climática.

Um dos momentos centrais da narrativa em que essas questões vêm à tona é quando Frank May invade o apartamento de Mary Murphy e a questiona sobre a falta de ação necessária do Ministério para evitar a catástrofe climática. É como se Frank fosse um cidadão do futuro (e de certa forma ele é, pois sobreviveu à onda de calor na Índia que vai se tornar cada vez mais comum no futuro em outras regiões do mundo) cobrando atitudes de um cidadão do presente com poder de ação – nesse caso, Mary. Frank defende que, se o Ministério para o Futuro quer realmente fazer jus ao seu nome e defender os interesses de cidadãos vindouros, os grandes responsáveis pela crise climática – políticos, empresários, banqueiros – devem ser eliminados. Mary resiste à ideia, e um debate que envolve ecoterrorismo, ética e reconfiguração temporal se sucede. Frank diz:

‘Se sua organização representa as pessoas que vão nascer depois de nós, bem, isso é um fardo pesado! É uma responsabilidade real! Você tem de pensar como eles! Você tem de fazer o que eles fariam se eles estivessem aqui.’

‘Eu não acho que eles admitiriam assassinato.’

<sup>8</sup> to describe contemporary inertia as a catastrophic miscalculation of climate change's costs.

‘É claro que iriam!’ (...) As pessoas matam em legítima defesa *o tempo todo*. Não fazer isso seria um tipo de suicídio. Então as pessoas fazem. E agora essas pessoas que você defende estão sob ataque. Essas supostas pessoas do futuro.’ (ROBINSON, 2020, p.100-1, grifo do autor)<sup>9</sup>

Por outro lado, diferentemente de narrativas distópicas sobre o clima, *The Ministry for the Future* demonstra com veemência a importância de discursos e ações construídas no tempo presente. Seu cunho utópico apresenta de maneira direta a multiplicidade de chances políticas ancoradas no presente com o intuito de evitar uma leitura distópica do futuro da humanidade. A vasta dimensão político-econômico-científica da contemporaneidade na qual a crise climática está inserida toma grande parte da narrativa, o que às vezes faz *The Ministry for the Future* parecer uma espécie de ‘livro-ensaio’, apresentando complexos dados, informações e teorias quase que didaticamente. Os personagens e o enredo são muitas vezes colocados de lado (em torno de apenas 40 dos 106 capítulos se concentram nos supostos protagonistas, Mary e Frank) e é como se uma imensa teia argumentativa se estendesse sobre a obra. Nesses momentos, o romance flerta com a não-ficção, descrevendo e explicando em capítulos sequenciais as multifacetadas perspectivas acerca do clima e do meio ambiente.

Um bom exemplo dessa estratégia de escrita está presente no capítulo 61 do romance, dedicado à conceituação de “reações negativas à notícia do colapso da biosfera” (ROBINSON, 2020, p.297)<sup>10</sup>. O capítulo conceitua a ‘Síndrome da Máscara da Morte Rubra’, em que alguns indivíduos diante da crise climática, assim como os aristocratas no conto de Edgar Allan Poe, decidem se enclausurar, festejando e ignorando a tragédia que se desenrola do lado de fora. Em seguida, outra reação patológica é definida como “Síndrome Gotterdammerung”. Nomeada a partir da ópera de Wagner que narra a destruição do mundo por deuses nórdicos à medida que eles morrem, essa patologia – descrita como uma “manifestação do narcisismo” – é caracterizada pela noção de que, se a biosfera está próxima de colapsar, há de se trabalhar para que isso aconteça logo, i.e. se eu vou morrer, que o mundo morra comigo (ROBINSON, 2020, p. 297). Chama especial atenção o último parágrafo desse capítulo, em que o texto apresenta um novo termo que faz a transição do terreno da psicologia para a sociologia/economia: “O termo *Capitalismo Gotterdammerung* tem sido usado. Isso marca uma mudança, possivelmente inapropriada, da psicologia para a sociologia, e é portanto fora do escopo desse artigo; e é de qualquer forma autoexplicativo” (ROBINSON, 2020, p.298)<sup>11</sup>. É curioso o uso da palavra ‘artigo’ para descrever a passagem, como se o capítulo pertencesse ao gênero acadêmico em vez de fazer parte de um texto literário.

<sup>9</sup> ‘If your organization represents the people who will be born after us, well, that’s a heavy burden! It’s a real responsibility! You have to think like them! You have to do what they would do if they were here.’  
‘I don’t think they would countenance murder.’

‘Of course they would! (...) People kill in self-defense *all the time*. Not to do that would be a kind of suicide. So people do it. And now your people are under assault. These supposed future people.

<sup>10</sup> negative reactions to news of biosphere collapse.

<sup>11</sup> The phrase *Gotterdammerung capitalism* has been seen. This marks a shift, possibly inappropriate, from psychology to sociology, and is therefore outside the purview of this article; and is in any case self-explanatory.



Considerando os diferentes modos de narrar e a expansão de uma ideia de texto literário, *The Ministry for the Future* demonstra que, diante da crise climática, é importante que a literatura se reconfigure, abrindo novos horizontes discursivos e de gênero. Assim, a representação narrativa da enorme complexidade que compõe as mudanças no sistema Terra – além de suas consequências de ordem política, social e econômica – será mais multifacetada e capaz de retratar os desafios que o cenário contemporâneo exige.

### 3. Natureza e cultura em *The Ministry for the Future*

O ponto de vista híbrido com relação à literatura, que aproxima a dita ficção literária da ficção científica, pode ser lido como um reflexo de aproximações conceituais ainda mais amplas. No caso de textos que abordem a crise climática, trata-se de questionar as duradouras barreiras erguidas entre o campo da natureza e o campo da cultura. O pensador Clive Hamilton descreve o surgimento da separação entre essas duas esferas:

Um aspecto característico das ciências sociais e das humanidades que surgiram na Europa do século XVIII e XIX não foi tanto suas aspirações a ciência, mas suas áreas de interesse ‘exclusivamente sociais’. Sociologia, psicologia, ciência política, economia, história e filosofia se baseiam na ideia que os esplêndidos e cotidianos eventos da vida humana acontecem frente ao pano de fundo de uma natureza cega e sem propósito. Apenas os humanos possuem agência. Tudo que é digno de análise ocorre no mundo fechado do ‘social’, e (...) o mundo natural ‘do lado de lá’ que nos rodeia e às vezes interfere nos nossos planos (...) permanece sempre separado. (HAMILTON, 2015, p.34)<sup>12</sup>

Diante dessa separação da ordem da investigação científica, questões relacionadas ao clima e ao meio ambiente (como o aquecimento global, a extinção da biodiversidade e o aumento do nível do mar) parecem compor exclusivamente objetos de estudo do campo das Ciências da Natureza. Assim sendo, ainda hoje permanece o entendimento, dentre alguns pesquisadores, que apenas as Ciências da Natureza possuem os instrumentos capazes de analisar e encontrar soluções para a crise climática. Nessa perspectiva, é como se outros campos do saber não tivessem legitimidade para examinar os desafios do Antropoceno.

Porém, à medida que os efeitos das ações antrópicas se tornam mais agudos e o papel da humanidade na crise climática mostra-se incontestável, a separação entre os campos da natureza e da cultura perde cada vez mais o sentido. A ideia de que a humanidade estaria alheia à uma ideia de natureza sem história e sem agência é posta em xeque quando os próprios seres humanos são os causadores das principais mudanças no sistema Terra, exercendo o papel de verdadeiros “agentes geológicos do planeta” (CHAKRABARTY, 2013, p.11). Da mesma forma, os humanos

<sup>12</sup> What was distinctive of the social sciences and humanities that emerged in eighteenth and nineteenth-century Europe was not so much their aspiration to science but their ‘social only’ domain of concern. Sociology, psychology, political science, economics, history and philosophy rest on the assumption that the grand and the everyday events of human life take place against a backdrop of a blind and purposeless nature. Only humans have agency. Everything worthy of analysis occurs in the sealed world of ‘the social’, and (...) the natural world ‘over there’ that surrounds us and sometimes intrudes on our plans (...) always remains separate.

são confrontados com seu status de seres vivos extremamente dependentes da estabilidade do sistema Terra, demonstrando como a natureza é essencial para o estabelecimento de uma estrutura sociohistórica.

Considerando a emergência do Antropoceno, é fundamental que ocorra uma expansão conceitual do entendimento da crise climática. As ciências naturais se mostram insuficientes para contemplar a imensa complexidade das profundas relações entre entes humanos, não-humanos e o planeta como um todo. Sendo assim, se faz necessária “uma concepção do ambiental como inextricavelmente associada com o social e, portanto, voltar a nossa atenção para a teoria social e as Humanidades” (DE GRAAUW & FIORE, 2018, p.185)<sup>13</sup>.

Dentre as Humanidades, a literatura e a crítica literária são campos do saber e da produção artística capazes de proporcionar outras chaves de entendimento da crise climática ao tornarem possível uma perspectiva híbrida entre natureza e cultura, ou como afirma o filósofo francês Bruno Latour, uma ‘natureza-cultura’ (LATOUR, 1993). Isso não significa que as produções literárias que têm a crise climática como tema ignoram o conhecimento científico que vem há décadas sendo acumulado sobre o assunto. Porém, é importante considerar como questões climáticas e ambientais circulam entre o campo científico e o campo artístico produzindo uma multiplicidade de sentidos, tanto no laboratório quanto no texto ficcional (TREXLER, 2015, p.72).

No caso do romance *The Ministry for the Future*, “Kim Stanley Robinson reconhece (...) que histórias situadas na era da mudança climática não podem mais depender de velhas categorizações da natureza baseadas no binômio cultura-natureza” (MEHNERT, 2016, p.151)<sup>14</sup>. A obra articula as dimensões da interconexão entre natureza e cultura especialmente de duas formas: primeiramente, ao narrar um mosaico de diferentes personagens, locais e campos do saber, o romance enfatiza a importância de uma resposta multifacetada e interdisciplinar aos desafios da crise climática; e em segundo lugar, ao dar voz narrativa em diversos capítulos a entidades não-humanas, o romance destaca a aproximação entre seres humanos e não-humanos na construção de uma natureza-cultura mais harmoniosa no contexto do Antropoceno.

*The Ministry for the Future* é um romance que “mostra que a mudança climática não pode ser considerada apenas por uma perspectiva científica por que ela permeia todas as áreas da vida” (MEHNERT, 2016, p.153)<sup>15</sup>. Como vimos, o romance começa com uma onda de calor com intensidade jamais vista, que mata milhões de pessoas na Índia. Essa catástrofe, de caráter climático, mas também humanitário, é o ponto de partida para desdobramentos políticos, sociais, econômicos, históricos, tecnológicos e até mesmo policiais à medida que o romance se desenvolve e os efeitos da crise climática se tornam cada vez mais ameaçadores. Mary Murphy, à frente do Ministério, e Frank May, lidando com sua saúde mental debilitada, são o mais próximo que o texto apresenta como protagonistas tradicionais. O romance, porém, não focaliza a vida interior dos personagens em contraponto a uma natureza em desalinho que serve como pano

<sup>13</sup> a conception of the environmental as inextricably entangled with the social and thus return our attention to social theory and the humanities.

<sup>14</sup> Kim Stanley Robinson acknowledges (...) that stories that take place in an era of climate change can no longer rely on old categorizations of nature based on a culture-nature binary.

<sup>15</sup> shows that climate change cannot be considered solely from a scientific perspective because it pervades all areas of life.

de fundo narrativo. Frank e Mary, assim como outros personagens secundários que aparecem no decorrer da história, são profundamente afetados pelas mudanças que ocorrem no clima e no ambiente.

Os momentos do romance em que as complexas redes de sentido interligando natureza e cultura se tornam mais evidentes, reverberando múltiplas consequências nos mais diversos campos, são aqueles em que Mary Murphy apresenta aos principais grupos econômicos do mundo (importantes banqueiros, ministros da economia de países ricos, poderosos investidores) propostas político-econômicas do Ministério para alterar estruturas de exploração dos recursos naturais. Dito de outra forma, o romance demonstra que a crise climática só pode ser impedida por meio de uma profunda transformação no modelo capitalista.

Em linhas gerais, o que Mary propõe é a transição da economia mundial para uma economia de baixo carbono, especialmente por meio da criação de uma nova moeda – cujo valor flutuaria de acordo com a emissão de gases do efeito estufa – que serviria de lastro para as principais moedas correntes no mundo. Ao ser confrontada com a resistência do grupo, que diz que prefere continuar adotando o dólar como a principal moeda mundial, Mary afirma: “Se não pegarmos a imensa quantidade de capital que circula pelo mundo procurando pela mais alta taxa de retorno, e redirecionando-a para a descarbonização, a civilização vai quebrar. E aí sim o dólar ficará fraco” (ROBINSON, 2020, p.188)<sup>16</sup>. A presidente do Banco Central dos EUA então responde: “Se o mundo acabar, o dólar está em apuros” (ROBINSON, 2020, p.188)<sup>17</sup>. É assustadoramente irônica essa inversão de valores em que o fim do mundo seria péssimo para os negócios.

O romance estabelece, dessa forma, uma macro-perspectiva sobre as possibilidades de mudar o rumo da crise climática. O velho discurso de “salvar a natureza”, simbolizado meramente por plantar mais árvores ou economizar água, não é mais suficiente (talvez nunca tenha sido). É essencial realizar uma transição estrutural em larga escala de uma estrutura capitalista exploratória para um acordo global baseado em uma economia de baixo carbono. E para que isso ocorra, a natureza não pode ser entendida como um mundo à parte, mas uma realidade composta e atravessada por diferentes sistemas da cultura/sociedade, inclusive o capitalista. Naquela reunião, Mary via aquele grupo como eles realmente eram: “Porque o dinheiro controlava o mundo, aquelas pessoas controlavam o mundo. Eles eram os donos do mundo, de uma maneira bastante real” (ROBINSON, 2020, p.190)<sup>18</sup>.

Outro elemento do romance que evidencia um ponto de vista que privilegia a porosidade entre os campos da natureza e da cultura é a narração em primeira pessoa, em diversos capítulos, feita por entes não-humanos. Esses capítulos, geralmente mais curtos que os demais, são constituídos de maneira enigmática, com essas entidades se descrevendo em detalhes, se posicionando com relação ao mundo e/ou à humanidade, e às vezes revelando sua identidade nas linhas finais. Um bom exemplo localiza-se logo no segundo capítulo do romance, citado integralmente a seguir:

<sup>16</sup> If we don't take the immense amount of capital that flows around the world looking for the highest rate of return and redirect it into decarbonizing work, civilization could crash. Then the dollar will be weak indeed.

<sup>17</sup> If the world ends, the dollar is in trouble.

<sup>18</sup> Because money ruled the world, these people ruled the world. They were the world's rulers, in some very real sense.

Eu sou um deus e eu não sou um deus. De qualquer forma, vocês são minhas criaturas. Eu os mantenho vivos.

No meu interior, eu sou extremamente quente, e ainda assim o meu exterior é ainda mais quente. Ao meu toque vocês queimam, embora eu gire no céu. À medida que eu vou respirando lentamente, vocês congelam e queimam, congelam e queimam.

Um dia eu vou devorar vocês. No momento, eu alimento vocês. Cuidado com o meu olhar. Nunca olhem para mim. (ROBINSON, 2020, p.14)<sup>19</sup>

As informações apresentadas, assim como o fato de esse capítulo vir logo após os terríveis eventos da onda de calor na Índia, tornam fácil o reconhecimento do narrador como sendo o sol. Outros capítulos se sucederão dessa forma, às vezes narrados por elementos encontrados na natureza (um fóton, um átomo de carbono), às vezes narrados por noções abstratas que têm relação direta com a crise climática (o mercado, a história).

Mesmo que o ponto de vista seja inevitavelmente antropomorfizado, ao dar voz a esses entes não-humanos *The Ministry for the Future* de certa forma responde a uma das questões centrais da literatura contemporânea postulada por Amitav Ghosh: “Qual o papel do não-humano no romance moderno?” (GHOSH, 2016, p.924)<sup>20</sup>. No caso da obra de Robinson, trata-se de evidenciar o entrecruzamento de diferentes atores envolvidos nas alterações do sistema Terra que não necessariamente pertencem à categoria humana. Assim, o romance desloca a função dos humanos como únicos produtores de sentido para outros entes que também desempenham papel fundamental na crise climática. Como afirma Mehnert:

Essa tendência também envolve um descentramento da experiência e perspectiva humanas predominantes sobre a natureza (...) O humano é apenas um agente em um vasto sistema não-hierárquico de constante transformação e não o centro (...) Para a literatura e a crítica literária, essa perspectiva implica um compromisso com a maneira como as agências humana e não-humana trabalham juntas (...) na produção de sentido. No caso do aquecimento global, ele próprio uma “sinfonia” de interações co-emergentes, o reconhecimento do não-humano é crucial para a compreensão da escala global desse fenômeno (MEHNERT, 2016, p.58)<sup>21</sup>.

Esse descentramento do humano é mais um aspecto que reforça, como vimos nesse trabalho, a maneira pela qual *The Ministry for the Future* rompe com elementos característicos do romance literário tradicional (que geralmente se sustenta em acontecimentos gerados pela agência humana) e da própria ficção científica (que tende a tratar eventos climáticos apenas como pano de fundo). Além disso, o romance estabelece sua narrativa a partir de uma perspectiva fundada na noção de ‘natureza-cultura’, em que os personagens – humanos e não-humanos – se inserem

<sup>19</sup> I am a god and I am not a god. Either way, you are my creatures. I keep you alive. Inside I am hot beyond all telling, and yet my outside is even hotter. At my touch you burn, though I spin outside the sky. As I breathe my big slow breaths, you freeze and burn, freeze and burn. Someday I will eat you. For now, I feed you. Beware my regard. Never look at me.

<sup>20</sup> What is the place of the non-human in the modern novel?

<sup>21</sup> This trend also involves a decentering from the predominant human experience of and perspective on nature (...) The human is then just one agent in a larger non-hierarchical system of constant transformation and not the center (...) For literature and literary criticism, this perspective implies an engagement with how non-human and human agency work together (...) in the production of meaning. In the case of global warming, itself a “symphony” of co-emerging interactions, an awareness of the non-human is crucial to an understanding of the global scale of this phenomenon.

em uma dinâmica em que questões histórico-sociais estão interrelacionadas a elementos geológicos/climáticos.

Em suma, o romance *The Ministry for the Future*, de Kim Stanley Robinson, expande as possibilidades da ficção contemporânea ao abordar a temática da crise climática a partir de uma perspectiva híbrida que rompe as convenções estabelecidas sobre ficção literária e ficção científica. Ao apresentar uma perspectiva multifacetada e em diálogo com outros saberes (ciências do clima, economia, política), a obra não só reafirma o romance como gênero capaz de tematizar os desafios da contemporaneidade, como também amplia as estratégias de compreender as questões ambientais do presente e do futuro.

## REFERÊNCIAS

- BONNEUIL, Christophe & FRESSOZ, Jean-Baptiste. **The shock of the Anthropocene**. London: Verso, 2016.
- CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. In: **Sopro**, n.91, p.4-22, 2013.
- CRUTZEN, Paul & STOERMER, Eugene. The Anthropocene. In: **IGBP newsletter**, n. 41, p.17-18, 2000.
- DE GRAAUW, T & FIORE, E. Green/Environmental humanities. In: BRAIDOTTI, R. & HLAVAJOVA, M. **Posthuman glossary**. London: Bloomsbury, 2018.
- FRUG, Stephen Saperstein. **Even This is Too Good to be True**: Review of *The Ministry for the Future* by Kim Stanley Robinson. 2020. Disponível em: <https://ancillaryreviewofbooks.org/2021/01/20/even-this-is-too-good-to-be-true-review-of-the-ministry-for-the-future-by-kim-stanley-robinson/>. Acesso em: 29 de abr. de 2021.
- HAMILTON, Clive. “Human destiny in the Anthropocene”. In: BONNEUIL, Christophe et alii. **The Anthropocene and the Global Environmental Crisis**. New York: Routledge, 2015.
- GHOSH, Amitav. **The Great Derangement**. London: Penguin, 2016.
- INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Global warming of 1,5°C**. Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/sr15/>>. Acesso em: 20 abr, 2021.
- JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the Future**: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions. London: Verso, 2005.
- LATOUR, Bruno. **We Have Never Been Modern**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MEHNERT, Antonia. **Climate Change Fictions**: Representations of Global Warming in American Literature. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- ROBINSON, Kim Stanley. **The Ministry for the Future**. New York: Hachette Book Group, 2020.
- TREXLER, Adam. **Anthropocene Fictions**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.
- WARK, McKenzie. **On the obsolescence of the bourgeois novel in the Anthropocene**. Disponível em: <<https://www.versobooks.com/blogs/3356-on-the-obsolescence-of-the-bourgeois-novel-in-the-anthropocene>>. Acesso em: 01 agosto, 2021.